

## **A EFETIVIDADE DAS PICS NO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA DOS USUÁRIOS DO SERVIÇO DE SAÚDE PÚBLICO NA REGIÃO METROPOLITANA DE NATAL**

Yuri Santos Alves <sup>1</sup>  
Mércia Maria de Santi <sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são métodos que utilizam elementos de origem natural ou vegetal na prevenção de agravos, promoção, manutenção ou recuperação da saúde (ALVIM, 2013). No Brasil, as PICS ficaram conhecidas por volta da década de 1970, mais a legitimação e institucionalização destas práticas só aconteceu em 1980, com a 8ª Conferência Nacional de Saúde (CNS), onde havia uma necessidade da população por uma nova cultura alternativa de saúde. Diante desse cenário, a sociedade civil inicia movimentos em busca dessa oferta de um novo cuidado em saúde. Quase duas décadas depois, em 2006, o Ministério da Saúde (MS) aprovou então, através da Portaria GM/MS nº 971, de 03 de maio de 2006, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC) como forma de utilizar as práticas de conhecimento popular a nível institucional na rede do SUS, e motivado pela constante adoção de medidas alternativas nos atendimentos na rede pública estabelecendo atribuições nos diferentes níveis de governo – municipal, estadual e federal. Assim, as PICS estão sendo inseridas no Sistema Único de Saúde (SUS), e atualmente as práticas contempladas na PNPIC são: Apiterapia, Aromaterapia, Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Bionergética, Constelação Familiar, Cromoterapia, Dança Circular, Geoterapia, Hipnoterapia, Homeopatia, Imposição de Mãos, Medicina Antroposófica, Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Ozonioterapia e Plantas Medicinais e Fitoterapia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária, Terapia de Florais. Termalismo Social/Crenoterapia e Yoga. (BRASIL, 2018).

Com isto se busca atender ao que preconiza a Organização Mundial de Saúde (OMS): reconhecimento e incorporação das Medicinas Tradicionais e Complementares nos sistemas de saúde em virtude de se ter comprovação da eficácia, sendo utilizada em todo território

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Gestão Hospitalar da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, yurisantosoficial@hotmail.com;

<sup>2</sup> Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, merciamsanti@gmail.com.

nacional país. Diante desse cenário, surge uma necessidade de analisar a oferta das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) nos serviços de Atenção Primária em Saúde, identificando quais são oferecidas, os profissionais que as executam e qual o impacto no processo saúde-doença dos usuários que apresentam doenças crônicas como diabetes, hipertensão, distúrbios ósteo-músculo-esquelético e depressão.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa “As Práticas Integrativas e Complementares nos serviços de atenção primária em saúde na Região Metropolitana de Natal/RN”, vem sendo desenvolvida desde de 2015 por docentes e discentes do curso da Graduação Tecnológica em Gestão Hospitalar da Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e está aprovada pelo Comitê de Ética da UFRN com o parecer nº 1.620.016.

Trata-se de uma análise de natureza quantitativa e qualitativa, de multimétodos, elaborando instrumentos que viabilizem a construção das informações que pretende apresentar ao seu término. Realizamos alguns movimentos para alcançar os objetivos propostos: Definição da amostra de usuários das Unidades de Saúde, tendo como parâmetro de inclusão ser portador de doenças crônicas como: diabetes, hipertensão, distúrbios ósteo-músculo-esquelético e depressão; aplicação do questionário aos usuários sobre a eficácia destas práticas na melhora do seu processo saúde-doença e tabulação dos dados produzindo gráficos para a explicação dos achados da pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A oferta de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde é estimulada para ampliar a integralidade da atenção e o acesso às mesmas, mas é um desafio incorporá-las aos serviços (SANTOS, 2012). Na pesquisa até o momento, foram aplicados questionários iniciais em cerca de 51 estabelecimentos de saúde, que corresponde 68,9% do total, dos quais 07 unidades, apenas 13,72%, ofertam alguma Prática Integrativa e Complementar em Saúde (PICs).

Tendo como base o perfil dos entrevistados neste estudo, 84,7% das pessoas que responderam ao questionário pertenciam ao sexo feminino e 14,3% ao sexo masculino. Ainda, a maioria deles pertencia à faixa etária entre 34 e 78 anos de idade tendo em média 53 anos. Dos entrevistados podemos observar que 60,7% dos usuários moram no mesmo bairro onde a

Unidade Básica de Saúde (UBS) se localiza, mostrando que em alguns locais as UBS ainda não ofertam nenhuma prática, o que faz com que o usuário se desloque buscando essa oferta em outro território. Quanto à pergunta se a utilização das PICS foi por algum motivo de saúde/doença, cerca de 71,4% responderam que sim e 28,6% que não. As práticas mais ofertadas são a acupuntura, danças circulares, cantoterapia, yoga e a aromaterapia.

De acordo com a análise dos resultados, o acesso e interesse dos entrevistados pode ser observado em 89,3% em que houve uma melhoria no processo saúde-doença dos usuários ao utilizarem essas práticas. Observa-se assim que as práticas constituem uma nova possibilidade de cuidado na atenção primária proporcionando melhoras no processo saúde-doença. Os dados mais específicos sobre os usuários portadores de doenças crônicas e, que utilizam as PICS, serão coletados a partir de 2018.2, dando continuidade à pesquisa

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo permitiu analisar a inserção das práticas integrativas e complementares em saúde no processo saúde-doença de alguns usuários que utilizam estas práticas. Na rede de atenção do Sistema Único de Saúde, as PICS têm apresentado ótimos resultados, auxiliando na promoção e prevenção de agravos em saúde dos seus usuários, bem como incentivando uma maior participação da comunidade e também estabelecendo uma nova compreensão do processo saúde-doença. A partir dos dados coletados observamos o interesse da população por essa nova forma de cuidado, contribuindo com os tratamentos tradicionais, oferecendo e promovendo nos seus praticantes uma melhor qualidade de vida.

**Palavras-chave:** Práticas Integrativas; Saúde-doença, Doenças Crônicas

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de **Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC- SUS. Brasília: Departamento de Atenção Básica, 2006.**

RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Portaria nº N° 274/GS, de 27 de junho de 2011. **Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde do RN – PEPIC/RN.**

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de **Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC- SUS. Brasília: Departamento de Atenção Básica, 2006.**

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ministério da Saúde inclui 10 novas práticas integrativas no SUS.** Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/42737-ministerio-da-saude-inclui-10-novas-praticas-integrativas-no-sus>

BRASIL, Ministério da Saúde. **Glossário temático:** práticas integrativas e complementares em saúde. Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

ALVIM, Neide. **Práticas Integrativas e Complementares no Cuidado:** Aplicabilidade e Implicações para a Enfermagem. 16 f. Artigo (Doutorado) - Departamento de Enfermagem Fundamental da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.